

CAMILLA LÄCKBERG

Mais de 29 milhões de livros vendidos



ASAS DE PRATA

A VINGANÇA DE UMA MULHER NUNCA ACABA

ASAS DE PRATA

Título original: *Vingar av silver*

Copyright © 2020 por Camilla Läckberg

Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Originalmente publicado pela Bokförlaget Forum, Suécia.

Publicado mediante acordo com a Nordin Agency AB, Suécia.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Åkesson

preparo de originais: Lucas Bandeira

revisão: Luis Américo Costa e Luíza Côrtes

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Henrik Walse

imagem de capa: Erik Undéhn

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

impressão e acabamento: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L145a

Läckberg, Camilla, 1974-

Asas de prata / Camilla Läckberg ; tradução Fernanda Åkesson. - 1. ed. -
São Paulo : Arqueiro, 2021.

288 p. ; 23 cm. (Revenge ; 2)

Tradução de: Vingar av silver

Sequência de: A gaiola de ouro

ISBN 978-65-5565-202-4

1. Ficção sueca. I. Åkesson, Fernanda. II. Título. III. Série.

21-72003

CDD: 839.73

CDU: 82-3(485)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados no Brasil por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

PARA KARIN

PRIMEIRA PARTE

Dois presos, condenados por homicídio, escaparam hoje cedo enquanto eram transferidos. Eles aproveitaram quando o guarda fez uma parada numa área de descanso na estrada E4, perto de Gränna, e fugiram para a floresta.

Diversas viaturas policiais foram chamadas ao local, mas a busca pelos fugitivos foi infrutífera.

Segundo Karin Malm, porta-voz do Departamento Penitenciário, os condenados não representam perigo para a sociedade.

Do jornal *Aftonbladet*, 5 de junho

Faye ligou a máquina de Nespresso. Enquanto preparava um café, olhou pela janela alta da cozinha. Como sempre, ficou espantada com a vista.

A casa em Ravi havia se tornado seu paraíso terrestre. A vila não era grande. Devia ter apenas duzentos habitantes. Levava aproximadamente cinco minutos para percorrer toda a vila se a pessoa andasse devagar. Mas, no meio da pracinha, havia um restaurante que servia as melhores pizzas e massas que ela já havia experimentado, e ficava lotado todas as noites. De vez em quando apareciam turistas, principalmente agora, no fim de maio. Ciclistas franceses entusiasmados ou americanos aposentados que haviam alugado um trailer e realizavam o sonho de conhecer a Itália, enquanto seus filhos adultos perguntavam-se pasmos por que os pais insistiam em ter sua própria vida em vez de ficar à disposição deles para cuidar dos netos.

Mas não havia nenhum sueco.

Faye não tinha visto um sueco sequer desde que comprara a casa. E fora esse o fator principal para ela escolher justamente essa região. Ela era conhecida em toda a Suécia. Na Itália, queria e precisava viver no anonimato.

A bela casa que comprara não ficava dentro do vilarejo, mas a vinte minutos de caminhada, sobre um morro, com parreiras adornando as paredes externas. Faye adorava subir e descer as colinas, comprar pão, queijo e prosciutto. Era o clichê da vida rural na Itália, e ela o aproveitava ao máximo, assim como sua mãe, Ingrid, a filha, Julianne, e a melhor amiga, Kerstin. Elas tinham se tornado um quarteto inseparável nesses dois anos desde que Jack, ex-marido de Faye, fora condenado à prisão.

Kerstin e Ingrid competiam para ver quem mimava mais Julianne. Agora que a amiga passava cada vez mais tempo longe delas, Ingrid havia se comprometido a mandar-lhe fotos e notícias diárias da neta.

O *espresso* estava pronto. Faye apanhou a xícara e atravessou a sala até os fundos da casa, onde o barulho de água e alegres gritos infantis denunciavam a presença da piscina antes que ela pudesse ser avistada. Faye amava a sala de estar. Levava tempo para decorar a casa, mas, com paciência e ajuda de um dos melhores decoradores da Itália, havia conseguido deixá-la exatamente como queria. As paredes grossas de pedra isolavam o calor, tornando-a fresca mesmo nos meses mais quentes do verão, porém a deixavam muito escura. Eles haviam resolvido o problema com móveis grandes e claros e muita iluminação indireta. As imensas janelas nos fundos também ajudavam a luz a penetrar na casa. Ela amava o modo como a sala de estar virava quase imperceptivelmente uma varanda.

As cortinas brancas acariciaram sua pele quando ela saiu da casa. Experimentou o café e admirou sua filha com a avó sem que elas percebessem. Julianne estava tão grande... Seus cabelos queimados de sol estavam quase brancos. Ficava mais sardenta a cada dia. Estava muito linda, saudável, feliz. Era tudo que Faye desejava para ela. Tudo era possível sem Jack em suas vidas.

– Mamãe, mamãe, olhe como já sei nadar sem boia!

Faye sorriu com uma expressão de surpresa para mostrar à filha como aquilo era importante. Julianne estava na parte mais funda da piscina, se esforçando para nadar cachorrinho sem as boias no formato do urso Bamse, abandonadas na borda da piscina. Ingrid olhava nervosa para a neta, meio sentada, meio em pé, pronta para se jogar na piscina rapidamente se fosse necessário.

– Calma, mãe. Ela consegue.

Faye tomou outro gole do *espresso*, que já estava no fim, e deu alguns passos pela varanda. Estava arrependida de não ter feito um cappuccino.

– Ela teima em ficar na parte funda – disse a mãe de Faye, parecendo nervosa.

– Ela tem a quem puxar.

– Ah, obrigada, eu sei bem!

Ingrid deu risada. Assim como fizera em diversas ocasiões nos últimos dois anos, Faye admirou a beleza da mãe, que resistira a todas as provações por que passara na vida.

As únicas pessoas que sabiam que Ingrid e Julianne estavam vivas eram

Faye e Kerstin. Para o resto do mundo, Julienne tinha sido assassinada pelo próprio pai, que cumpria pena de prisão perpétua na Suécia. Ele estivera muito perto de acabar com Faye. O amor dela por ele a transformara em vítima, mas no fim foi ele quem se deu mal.

Faye foi até a mãe e se sentou ao seu lado no sofá de vime. Tensa, Ingrid continuava de olho em Julienne.

– Você precisa mesmo viajar de novo? – perguntou sem tirar os olhos da neta.

– A expansão para os Estados Unidos está se aproximando e temos que resolver a questão das ações. Se eu conseguir fechar o negócio em Roma, essa empresa vai ser uma grande aquisição para a Revenge. O dono, Giovanni, quer vender. Só preciso convencê-lo de que a minha oferta é a melhor de todas. Mas, como todos os homens, ele superestima grosseiramente o próprio valor.

Preocupada, sua mãe desviou os olhos de Faye para Julienne.

– Não entendo por que você ainda trabalha tanto. Você tem somente dez por cento da Revenge e nunca precisaria levantar um dedo depois da grana que recebeu por suas ações.

Faye deu de ombros, terminou o café e depositou a xícara sobre a mesa de vime.

– Claro, uma parte de mim queria só ficar aqui com vocês, mas você me conhece. Eu morreria de tédio depois de uma semana. E não importa quantos por cento são meus, a Revenge é uma filha para mim e ainda sou a presidente do conselho. Além disso, eu me sinto muito responsável por todas as mulheres que investiram na empresa e que agora são acionistas. Elas correram um risco comigo e eu ainda quero recompensá-las. Mas ultimamente tenho pensado em recomprar uma parte maior, se alguém estiver querendo vender. Seria um ótimo negócio para elas também.

Ingrid se preparou para se levantar quando Julienne deu a volta do outro lado da piscina.

– Sim, sim, sororidade e tudo mais – disse ela. – Eu talvez não encare a lealdade feminina como você.

– São os novos tempos, mãe. As mulheres se apoiam. De qualquer forma, Julienne não se importa se eu der uma passada rápida em Roma. Falamos sobre isso ontem.

– Sabia que acho você muito esperta? Que sinto orgulho de você?

Faye segurou a mão de Ingrid.

– Sim, eu sei, mãe. Cuide da molequinha para que não se afogue e logo vou estar de volta.

Faye foi até a borda da piscina. Julienne bufava, tentando nadar e engolindo água.

– Tchau, amorzinho, vou indo agora!

– Tchau...

A despedida foi interrompida quando Julienne tentou acenar para a mãe enquanto nadava e não conseguiu manter a cabeça acima da água. Pelo canto dos olhos, Faye observou Ingrid correr até a piscina.

Na sala de estar, ela apanhou a mala de rodinhas já arrumada. A limusine que a levaria a Roma já devia ter chegado. Ela ergueu a bela mala Louis Vuitton para que as rodas não arranhassem o piso de madeira recém-encerrado e foi até a porta. Quando passou pelo escritório de Kerstin, viu a amiga concentrada na tela do computador, com os óculos na ponta do nariz, como de costume.

– Toc, toc, estou indo agora...

Kerstin nem olhou para ela. Tinha uma ruga de preocupação na testa.

– Está tudo bem?

Faye deu um passo para dentro do aposento e largou a mala no chão.

– Não sei... – respondeu Kerstin lentamente, sem erguer o olhar.

– Agora você está me deixando preocupada. Há algum problema com as ações? Ou com a expansão nos Estados Unidos?

Kerstin balançou a cabeça.

– Ainda não sei.

– Preciso ficar preocupada?

Kerstin custou a responder:

– Não... ainda não.

Um carro buzinou e Kerstin olhou para a porta.

– Pode ir. Feche o negócio em Roma. Depois nos falamos.

– Mas...

– Não deve ser nada.

Kerstin sorriu tranquilamente para ela, mas, enquanto se dirigia até a pesada porta de madeira, Faye não conseguiu abandonar a sensação de que

algo estava para acontecer, algo ameaçador. Mas ela resolveria o problema. Precisava resolver. Ela era assim.

Acomodou-se no banco traseiro do carro, fez um sinal para o motorista dar partida e abriu a pequena garrafa que a aguardava. Enquanto o automóvel seguia em direção a Roma, ela bebia, pensativa, o champanhe.

Faye examinou o rosto no espelho do elevador. Três homens de terno a admiravam. Ela abriu sua bolsa Chanel, fechou os lábios e aplicou lentamente uma camada de batom Revenge. Pôs uma mecha loura de cabelos atrás da orelha e fechou o batom com o R gravado na tampa no instante em que o elevador chegou à recepção. Os homens se afastaram para lhe dar passagem. Seus passos ecoaram no chão branco de mármore e a brisa noturna soergueu seu vestido vermelho enquanto o porteiro segurava a porta de vidro para ela.

– Táxi, *signora*? – perguntou ele.

Ela recusou com um sorriso e continuou andando. Dobrou à direita quando chegou à calçada. Ao seu lado, os carros no engarrafamento buzinavam e os motoristas praguejavam pelas janelas abertas.

Ela gostava da liberdade de estar sozinha em uma cidade onde não conhecia quase ninguém e onde nada podiam exigir dela. Estava livre de responsabilidades, livre de culpas. O encontro com Giovanni, proprietário da pequena empresa familiar de cosméticos cujos produtos iriam completar a linha da Revenge, havia sido um sucesso. Assim que ele percebeu que conseguiria usar as técnicas de dominação masculina para convencê-la a aceitar as suas exigências, a reunião se encaminhou para o resultado que ela almejava.

Faye adorava o jogo da negociação. Seus adversários costumavam ser homens, que sempre cometiam o mesmo erro de subestimar a competência dela simplesmente por ser mulher. Quando eram obrigados a reconhecer a derrota, dividiam-se em dois tipos: aqueles que saíam da reunião furiosos e sentindo mais ódio ainda das mulheres, e os que se sentiam atraídos por sua autoridade e competência e iam embora com um volume entre as pernas e um convite para jantar mais tarde.

Enquanto caminhava pela noite cálida, Faye se sentia envolvida pela cidade vibrante e por tudo aquilo que mais desejava. Ela andava sem destino. A oportunidade apareceria caso se deixasse levar pela energia da cidade.

Em breve seria obrigada a colocar novamente a máscara, a interpretar o papel que era esperado dela em seu país natal. Mas naquela noite podia ser quem quisesse. Continuou até chegar a uma bela praça pavimentada de pedras. Perdeu-se pelo labirinto de becos e ruelas.

É preciso se perder para se reencontrar, pensou.

Um homem emergiu das sombras, oferecendo mercadorias com voz rouca. Faye apenas balançou a cabeça. Uma porta grande, iluminada pela luz amarelada dos postes, abriu-se lentamente e duas pessoas, um homem e uma mulher que esperavam do lado de fora, entraram.

Faye parou e olhou ao redor antes de desviar seus passos até a mesma porta, que havia voltado a se fechar. Havia uma pequena campainha. Acima, uma câmera. Ela pressionou o botão e esperou ouvir um sinal, mas não escutou nada. Depois de um tempo, a fechadura emitiu um ruído e a porta se entreabriu. Surgiu uma sala enorme, cheia de pessoas bonitas e do barulho de taças brindando. Logo em frente havia uma parede de vidro e, além dela, uma varanda magnífica. As ruínas iluminadas do Coliseu cintilavam ao fundo, como uma espaçonave destrocada.

Refletidas em um grande espelho de moldura dourada, pôde ver figuras bem-vestidas conversando em pequenos grupos atrás dela. As mulheres eram jovens, belas, maquiadas com bom gosto e trajavam vestidos curtos e elegantes. Os homens eram na maioria um pouco mais velhos, mas também de boa aparência, com a autoconfiança e a calma que somente a riqueza oferece. Chegavam até ela fragmentos de conversa em italiano. Taças cheias eram esvaziadas e enchidas novamente.

Um pouco distante, um jovem casal se beijava. Faye os observava fascinada, incapaz de desviar o olhar. Eram jovens, tinham talvez uns 25 anos. Ele era alto, com aquela beleza italiana, uma charmosa barba por fazer, nariz forte e cabelos escuros divididos para o lado. Ela usava um vestido branco e caro, justo nos quadris, que marcava sua cintura fina. Os cabelos escuros estavam presos em um arranjo simples.

Estavam obviamente tão apaixonados que mal conseguiam ficar com as mãos afastadas um do outro. Os longos dedos dele se insinuavam

repetidamente pelas pernas bronzeadas dela. Faye sorriu. Quando os olhares de Faye e da outra mulher se encontraram, ela não baixou o seu. Continuou fitando o casal tranquilamente. Levou aos lábios o drinque, um whisky sour. Ela também estivera apaixonada assim. Mas o amor a havia sufocado, transformando-a em uma criatura sem vontades presa em uma gaiola de ouro.

Seus pensamentos foram interrompidos pela aproximação repentina da jovem mulher.

– Eu e meu noivo gostaríamos de saber se você quer tomar um drinque conosco – disse ela em inglês.

– Vocês não parecem estar querendo companhia – respondeu Faye, achando a situação divertida.

– Queremos a sua companhia. Você é muito bonita.

Ela se chamava Francesca e havia nascido em Porto Alegre, no sul do Brasil. Trabalhava como modelo e pintava quadros. O homem era Matteo. Sua família era proprietária de um império composto por hotéis e restaurantes. Ele também pintava, mas não tão bem quanto Francesca, explicou ele com um sorriso tímido. Eram simpáticos, educados e a faziam rir. A alegria de viver deles a contagiou. Faye ficou conversando com eles e bebeu mais dois drinques. Estava entorpecida pela beleza, pela juventude e pelo amor deles, mas não sentia inveja. Não sentia falta de ter um homem. Queria comandar a própria vida sem ter que pensar em outra pessoa o tempo todo. No entanto, estava adorando ver aqueles dois juntos.

Depois de uma hora, Matteo se desculpou e foi ao banheiro.

– Nós já vamos embora – disse Francesca.

– Eu também. Volto para casa amanhã.

– Você quer nos acompanhar até a nossa casa?

Faye refletiu sobre o convite, sem desviar o olhar. O sono perdido poderia ser recuperado a caminho de casa. Não queria que a noite acabasse. Ainda não. Queria vê-los mais.



O táxi parou em frente a um prédio alto e imponente. Matteo pagou a corrida, eles desceram do carro e um porteiro uniformizado abriu-lhes

a porta. O apartamento ficava no último andar e tinha imensas janelas panorâmicas e uma varanda com vista para um belo parque. As paredes eram decoradas com fotografias em preto e branco. Quando as examinou de perto, Faye percebeu que muitas delas representavam Francesca. Dos alto-falantes vinha uma espécie de música pop italiana. Ao fundo, Matteo preparava drinques manipulando garrafas em um carrinho de bebidas, enquanto Francesca contava uma história que fez Faye rir como não fazia havia anos.

Faye se acomodou em um sofá creme gigantesco ao lado de Francesca. Matteo serviu os drinques e se sentou do outro lado de Faye. A embriaguez fazia sua cabeça girar agradavelmente. O rumor da rua lá embaixo a acalmava e ao mesmo tempo ela ficava cada vez mais tensa de expectativa e excitação.

Francesca deixou seu drink sobre a mesa e se aproximou lentamente, afastando com seus dedos macios a alça fina do vestido vermelho de Faye e beijando-a sobre a clavícula. Ondas de calor percorreram seu corpo. Matteo virou a cabeça dela em sua direção e aproximou os lábios, mas mudou de ideia no último segundo e encostou a boca no pescoço dela, mordiscando-a na nuca antes de beijá-la. A mão de Francesca acariciava seu quadril, subindo e descendo, depois interrompeu o movimento para percorrer suas costas. Tudo era como em um sonho.

Eles a despiram primeiro e depois tiraram as próprias roupas.

– Quero ver vocês dois – murmurou Faye. – Juntos.

O rosto de Jack surgiu em sua mente e ela se lembrou das vezes que ele sugerira que convidassem outra mulher para ficar com eles. Faye havia recusado. Não porque não se sentisse atraída pela ideia, mas porque ficava claro que era somente para satisfazê-lo. Para Francesca e Matteo a coisa era diferente. Faye estava ali por vontade de ambos. Não porque tivessem se cansado um do outro, mas porque o amor e a atração que sentiam eram tão fortes que transbordavam e eram suficientes para mais uma pessoa. Ela sentia prazer com toda aquela situação.

Faye soltou um gemido quando Matteo a deitou de bruços sobre Francesca e a penetrou por trás. Enquanto o noivo da brasileira estava dentro dela, Faye a olhava nos olhos. A boca de Francesca estava entreaberta e seu olhar era intenso e atento.

– Gosto de ver você a comendo, meu amor – murmurou Francesca no ouvido de Matteo.

Ela era somente um instrumento para eles fortalecerem a relação, mas também se sentia incluída.

Quando Faye estava prestes a gozar, Matteo retirou seu membro de dentro dela. O largo sofá era como um redemoinho de seus corpos nus e suados. Faye nunca participara de algo tão íntimo quanto o ritual de prazer dessas pessoas belas e apaixonadas. Ela estremeceu quando Francesca se aproximou dela. Com seus olhares fixos uma na outra, elas ficaram de quatro no chão, apoiadas no sofá. Matteo se posicionou atrás delas, penetrando Francesca primeiro e Faye em seguida, alternando seu pênis entre as duas. Finalmente ela atingiu o orgasmo. Gritou muito alto. Matteo não conseguia mais se controlar. Sua respiração estava mais pesada.

– Nela – gemeu Francesca.

Faye sentiu o membro dele enrijecer antes de explodir.

Em seguida, foram abraçados até a imensa cama no quarto e se deitaram agarrados. Passavam um cigarro aceso de boca em boca. Faye acionou o alarme no relógio de seu celular para não perder a hora e tentou dormir um pouco. Meia hora depois acabou desistindo. Saiu da cama cuidadosamente para não acordar o casal. Eles se aconchegaram mais um ao outro, abraçando-se sobre o lugar ainda quente onde Faye estivera.

Ainda nua, ela se serviu de uma taça de champanhe de uma garrafa aberta e a levou para a varanda. A cidade estava iluminada e cheia de vida. Ela se acomodou em uma espreguiçadeira confortável e apoiou os pés na grade. Uma brisa quente de verão acariciou seu corpo nu, deixando-a excitada. Aquele deveria ser um momento perfeito, mas foi repentinamente estragado pela lembrança da expressão preocupada de Kerstin no dia anterior, quando a encontrara em seu escritório antes de sair. Não havia muita coisa que tirasse Kerstin do sério. Ela era um porto seguro, inabalável. Havia algo errado.

Faye ficou bebendo o champanhe enquanto um turbilhão de pensamentos passava em sua mente. Muita coisa podia dar errado em uma empresa grande como a Revenge, principalmente porque envolvia muito dinheiro, grandes investimentos, lucros enormes, assim como grandes

riscos. Nada era seguro. Nada era imutável. Ninguém sabia disso melhor que ela.

Faye se virou e avistou o belo casal deitado na cama. Sorriu para eles. Agora não queria ficar pensando no rosto preocupado de Kerstin, não queria pensar em tudo que a aguardava. Queria algo diferente.

— Mãe!
Mamãe!
Julienne veio correndo até Faye e lhe deu um abraço molhado.

– Não corra sobre as pedras! – gritou Ingrid do sofá de vime.

– Você ficou molhada, mamãe – disse Julienne quando se soltou do abraço, preocupada com a mancha na blusa de Faye.

– Não faz mal, querida. Vai secar. Você não saiu da piscina desde que eu viajei?

– Não – respondeu Julienne, rindo. – Eu até dormi e comi dentro da piscina.

– Quem diria... Achei que tivesse uma menininha, mas parece que ela é uma sereia!

– Sim! Como Ariel!

– Exatamente como Ariel.

Faye passou a mão nos cabelos molhados da filha, que agora tinham um tom levemente esverdeado.

– Vou desfazer a mala e já volto – disse para Ingrid, que acenou com a cabeça e voltou a ler seu livro. Ela parecia agora bem mais confiante nas habilidades de nadadora de Julienne.

Faye subiu as escadas e levou a mala para seu quarto. Tirou rapidamente a blusa molhada e o restante da roupa que usara na viagem e pôs um conjunto de algodão macio. Deixou a mala no closet. Sua diarista, Paola, arrumaria tudo depois.

A cama estava tão convidativa que Faye se deitou sobre a colcha com as mãos cruzadas sob a cabeça e se permitiu relaxar. As lembranças do que havia acontecido naquela cama em Roma a fizeram sorrir. Bocejou, percebendo como estava cansada. Não havia dormido um segundo na noite

anterior, mas apagara na viagem de volta. Não queria correr o risco de adormecer agora, mas nos últimos anos havia aprendido a arte de descansar alguns minutos e se levantar cheia de energia. O truque era resistir ao impulso de fechar os olhos, então olhou ao redor, deixando a vista repousar em detalhes e no aspecto geral do cômodo.

O quarto era seu oásis. Também era decorado em cores claras, branco misturado com toques de azul suave. Móveis leves e elegantes, nada que deixasse o ambiente pesado. Nada como a escrivaninha maciça que comprara de presente para Jack porque pertencera a Ingmar Bergman. Jack amava coisas desse tipo. Exageros. Objetos dos quais pudesse se gabar. Poder mostrar a residência para as visitas e mencionar casualmente que o móvel havia pertencido ao grande diretor de cinema.

Faye contemplou satisfeita sua delicada escrivaninha branca. Ela nunca pertencera a nenhum babaca convencido e poderoso que havia traído e explorado todas as mulheres que tivera na vida. Pertencera apenas a ela. Sem o peso de ter sido de alguém importante. Assim como Faye. Ela havia se libertado de sua história. Ela se reinventara.

Sentou-se na cama e pôs os pés no chão. Voltou a ficar preocupada com o que Kerstin dissera. Não tinha mais como adiar a conversa. O escritório de Kerstin estava vazio, então presumiu que ela estivesse em seu quarto. A amiga gostava de cochilar à tarde. Faye evitava pensar que Kerstin já não era jovem, que já havia passado dos 70 anos. A simples ideia de que ela não estaria para sempre ao seu lado deixava Faye sem ar. Quando perdeu Chris, aprendeu que nada na vida era eterno. Além disso, a morte já fazia parte da sua vida havia muito tempo.

Bateu na porta de Kerstin.

– Você está acordada?

– Não estou dormindo.

Kerstin se sentou na cama rapidamente quando Faye entrou no quarto. Estendeu a mão para apanhar os óculos na mesinha de cabeceira, com o olhar turvo de sono.

– Dormiu bem?

– Não estava dormindo – repetiu Kerstin, levantando-se e alisando a calça. – Só descansei os olhos.

Faye franziu o nariz quando sentiu o cheiro forte de patchuli no quarto

espaçoso de Kerstin. Desde que, em uma viagem de avião, conhecera Bengt, que trabalhava na embaixada sueca em Mumbai, ela passava cada vez mais tempo na Índia. Havia se engajado em um orfanato e viajava sempre carregada de produtos para as crianças. Por outro lado, voltava com uma abundância de peças de decoração indianas. De vez em quando tentava, disfarçadamente, colocar uma almofada de franjas douradas ou uma manta sobre o sofá, mas Paola tinha ordens estritas de retirar esses objetos imediatamente e devolvê-los para o quarto da “Sra. Karin”. Elas já haviam desistido de tentar ensinar à temperamental italiana a dizer Kerstin, então decidiram simplificar o nome para Karin.

– Está com saudades de Bengt?

Kerstin deu uma risadinha, calçando um par de chinelos que estava perto da cama.

– Na minha idade a gente não sente saudades. É algo... é diferente quando ficamos mais velhos.

– Ah, mas que bobagem – disse Faye, sorrindo. – Paola me contou que “a Sra. Karin agora tem umas lingerie bem melhores”.

– Faye!

Kerstin ficou corada até o pescoço e Faye não resistiu ao impulso de abraçá-la.

– Fico feliz por você, Kerstin. Mas espero que ele não fique com você só para ele, precisamos de você aqui também.

– Não há perigo. Depois de um tempo lá, fico cansada dele.

Os olhos de Kerstin não acompanharam seu sorriso.

– Venha, vamos até o escritório. Quero lhe mostrar algo.

Elas desceram as escadas em silêncio. Faye sentia seu coração se apertar a cada passo. Havia algo errado. Muito errado.



Kerstin se sentou à escrivaninha e ligou o computador imediatamente. Faye ocupou uma das duas enormes poltronas Chippendale em frente à escrivaninha. Ali no escritório de Kerstin, a decoração indiana também era proibida, mas Faye havia levado em conta o gosto da amiga. Além de sua nova paixão por tudo que vinha da Índia, Kerstin tinha um grande amor

na vida: Winston Churchill. Por isso, Faye decorara o escritório no estilo clássico inglês, porém com um toque moderno. A *pièce de résistance* era uma fotografia gigante emoldurada do estadista, que reinava absoluta na parede sobre a escrivaninha.

Kerstin virou a tela para Faye, que se aproximou e tentou acompanhar todos os números que surgiam a sua frente. Ela entendia tudo da numerologia do mundo dos negócios, mas Kerstin se mostrara a verdadeira especialista no assunto. Winston as observava, severo, mas Faye evitava olhar para o retrato. No momento, o que menos precisava era do olhar de condenação de um homem.

– Eu comecei a acompanhar o registro dos acionistas da Revenge depois que você ficou ocupada com a expansão para os Estados Unidos e a emissão das ações. Antes de você viajar para Roma, duas acionistas tinham vendido suas participações e agora foram mais três.

– Para o mesmo comprador?

Kerstin balançou a cabeça.

– Não, mas algo me diz que isso foi feito de forma sincronizada.

– Você acha que há alguém tentando assumir a Revenge?

– Talvez – respondeu Kerstin, olhando para Faye por cima dos óculos. – Temo que isso esteja acontecendo.

Faye se recostou na poltrona. Seu corpo estava tenso e suas veias, inundadas de adrenalina. Obrigou-se a manter a calma, embora a mente estivesse girando. Era cedo demais para especulações. O que elas mais precisavam agora era de fatos.

– Quem está vendendo?

– Fiz uma lista para você.

Kerstin empurrou uma pilha de papéis. Ela conhecia Faye muito bem. Sempre queria as informações essenciais sobre os negócios em papel impresso, pois não gostava de ler apenas na tela. Podia salvar as florestas de outra maneira.

– Não entendo... Por que estão vendendo?

– Não temos tempo para sentimentalismo agora, Faye. Precisamos, em primeiro lugar, avaliar a situação. Vá se informando enquanto eu descubro mais. Depois podemos ficar com raiva, mas não agora. Não podemos desperdiçar energia.

Faye assentiu lentamente. Sabia que Kerstin tinha razão. Mesmo assim, era impossível deixar de especular sobre quem seriam as mulheres nas quais confiara que agora vendiam as ações. Pelas costas dela.

– Quero que examinemos tudo juntas. Venda por venda – disse ela.

Kerstin concordou:

– Vamos começar.

Faye olhou para Kerstin e depois para a pilha de papéis. Sentia o estômago se contrair de ansiedade. Não havia previsto aquilo. Era isso que a preocupava acima de tudo.

A casa estava em silêncio. Todos tinham ido dormir. Todos exceto Faye. Estava concentrada, examinando minuciosamente a lista diversas vezes. Tentava colocar seus pensamentos em ordem.

Os números se embaralhavam diante de seus olhos. Estava cansada e desanimada, e não sentia desânimo desde que se separara de Jack. E isso a desagradava muito. Pensamentos proibidos teimavam em surgir em sua mente. E se já fosse tarde demais? E se não fosse mais possível salvar a Revenge? Teria ela baixado a guarda nos dois últimos anos, permitindo que os inimigos a cercassem sem perceber? Ela nunca se perdoaria. A fraqueza era algo que deixara no passado. Enterrada com Jack. Era ele o portador de suas fraquezas, que carregava tão perto do corpo quanto seu uniforme de presidiário mal cortado.

Faye deixou os papéis de lado. A ideia de traição lhe doía. Os nomes das mulheres que tinham vendido suas participações eram muito familiares. Seus rostos passavam como flashes na mente, mulheres a quem ela apresentara a ideia por trás da Revenge. Mulheres que ela havia convencido e que tinham decidido acreditar na empresa. E nela. Por que ninguém lhe dissera nada? A conversa sobre sororidade não significava nada? Só ela acreditava nisso?

Esfregou os olhos, que coçavam de cansaço, e praguejou ao limpar o rímel ressecado dos cílios. Piscou freneticamente e foi ao banheiro para retirar a maquiagem. Estava cansada demais para continuar trabalhando. A lembrança das aventuras da noite passada ainda estava muito viva e ela sabia que sem uma noite bem dormida ficaria imprestável no dia seguinte, tanto para si mesma quanto para a Revenge.

Levantou a colcha para se deitar entre os lençóis de algodão egípcio, mas parou. Olhou para a porta do quarto. Todo o seu corpo sentia saudades. Foi

andando na ponta dos pés até o corredor. A porta do quarto de Julianne estava aberta, pois a menina não gostava de dormir de porta fechada. Com muito cuidado, Faye entrou no quarto. Um abajur em forma de coelho iluminava o aposento. Havia luz suficiente para espantar todos os fantasmas. A menina dormia deitada de lado, de costas para Faye. Seus longos cabelos claros estavam espalhados sobre o travesseiro. Lentamente, Faye se acomodou na cama. Afastou os cabelos da filha do travesseiro e se deitou atrás dela. Julianne soltou um gemido dormindo e se moveu um pouco, mas não acordou, nem mesmo quando Faye a abraçou. Milímetro por milímetro ela foi se aproximando de Julianne, até ficar com o nariz enfiado nos cabelos da filha, sentindo seu cheiro de lavanda e cloro.

Faye fechou os olhos. Sentia a tensão abandonar o seu corpo e o sono chegando. Ali, com a filha nos braços, percebeu que devia fazer de tudo para salvar a Revenge. Não por sua causa, mas por ela.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

